

FORA DE CASA



De:

Para:

Mulheres

todas
escrevemos

Organizadoras

Camila Alexandrini

Bruna Morelo

Capa e Projeto Gráfico

Lis Bortoli Henz

Diagramação

Lis Bortoli Henz

DEZEMBRO 2021



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

De : para : mulheres [livro eletrônico] :
coletânea / organizadoras Bruna Morelo, Camila
Alexandrini. -- Porto Alegre, RS : Fora da Asa -
Experiências Plurais, 2021.

PDF

Várias autoras.

ISBN 978-65-993108-6-7

1. Cartas - Coletâneas 2. Literatura brasileira
3. Mulheres na literatura I. Morelo, Bruna.
II. Alexandrini, Camila.

21-95295

CDD-808.86

Índices para catálogo sistemático:

1. Cartas : Coletâneas : Literatura 808.86



Porto Alegre, 09 de outubro de 2021.

Queridas,

Hoje é sábado, véspera de feriado, 4 dias de descanso - é o que se projeta? (Ainda que não, espero que encontremos uma pausa...) Estou eu aqui com vocês, pensando nos percursos que cada uma levará para escrever a sua própria carta. Quantas vidas cabem na escrita desta carta, quantas memórias serão retomadas, revividas e reficcionalizadas, me pego pensando no quanto de cada vida será alçado para escrever um texto de até duas páginas. (Duas páginas? Não cabe aqui tudo o que precisamos dizer...)

Desde quando começamos, Bruna Morelo e eu, a organizar esta proposta de oficinas de escrita para mulheres, a qual chamamos inicialmente de 'Escrita para quem precisa', muito se transformou em mim. Eu queria contar pra vocês o que é óbvio: é inevitável eu não ser atravessada por tanto de tantas. Ao longo de 2021, passaram pelas oficinas mais de 50 mulheres, com milhares de histórias a contar. Escrevemos crônicas, contos, poesia e cartas em 4 oficinas com encontros síncronos e assíncronos, tendo sempre como objetivos gerais: escrever, nos ler e publicar os textos produzidos. O distanciamento possível do universo online não nos impediu de estreitar laços e construir relações de afeto singular.

Sabemos que as histórias foram sempre contadas, voz nós temos. Estamos na quarta coletânea e isso fica mais do que nítido. Lendo cada uma vocês, não me surpreendo com a dimensão que essas histórias tomam e para tantos lugares a que se lançam. Na cartografia imaginada que apareceu nas nossas poesias, nós conseguimos juntas imaginar como seria uma cidade povoada apenas pela escrita de nós, mulheres. Que rotas faríamos se estivéssemos sempre a caminho de nós para nós.

Em 2022, continuaremos. Estamos prevendo 3 oficinas, com 3 propostas diferentes de escrita e publicação. É provável que voltemos no dia 19 de março, véspera do equinócio, início do ano astrológico... Não sou uma pessoa tão mística quanto pareço ser, mas vocês sabem que tenho curtido músicas e rituais! Assim, poderemos recomeçar a jornada em melhor companhia - a nossa.

“A cada palavra que tinha dito, cada tentativa que tinha feito de falar as verdades que ainda persigo, me aproximou de outras mulheres, e juntas examinamos as palavras adequadas para o mundo em que acreditamos, nos sobrepondo a nossas diferenças. E foi a preocupação e o cuidado de todas essas mulheres que me deu forças e me permitiu analisar a essência de minha vida” - Audre Lorde!

Também de dentro pra fora,

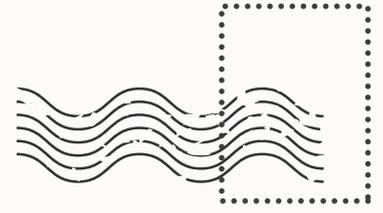
Camila Alexandrini

LORDE, Audre. A Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação. In: Heretica Difusão Lesbofeminista Independente, s/d.



Sumário

Adriana Antunes @aadriantunes	6
Adriana Mondadori @adrimondadori	8
Ana Paula Fagundes sorriam@hotmail.com	11
Ariádini de Andrade @arideandrade	14
Barbara Raulino @compartilhandolettras	18
Eliana Menegat menegateliana@gmail.com	20
Eliane de Souza estriknina.estriknina@gmail.com	22
Giovana Dalcin Netto @giovananettoo	24
Lorena Dias @lorena_madeinpara	27
Mari Bortoli maribortoli7667@gmail.com	30
Mariana Pfingstag @pfingstag.mariana	32
Marieta Madeira @marietamadeira	36
Marília Saldanha @mar.ilia.sal.danha	39
Marina Albugeri da Silva @mar.mar.ina	42
Milene de Oliveira Bordignon @sermilene	44
Rosa Pereira @rosapereira.poa	46
Sha Konrath @shakonrath	49
Silvana Silva @silvanasilvatakimi	51



Caxias do Sul, outubro pandêmico, ano dois.

Meu querido corpo,

Ou deveria dizer, minha querida corpa?

Eis-me aqui. Outra vez.

Te escrevo porque acho que não temos tido muita paz na nossa convivência. Acho que não somos somente nós que sentimos isso. Acho que outras mulheres também sentem. O fato é que há anos nos desentendemos. Você quer ser do seu jeito e eu quero que você seja de outro. Vivemos em disputas constantes. Sei que somos velhos amigos. Sei que acabamos nos entendendo, mas não sem mágoas, dores e ressentimentos. E isso é estranho. Por que sempre machucamos quem mais amamos? Muitas vezes tive vontade de me separar de você, sabe, cada um seguir seu caminho. Como se isso fosse possível. Eu sei, não há separação e assim seguiremos juntos até o fim. Tempos atrás li uma frase do Gaston Bachelard e me identifiquei muito. Ele dizia que em algum momento da vida teríamos que aprender a viver minimamente confortável dentro de nós mesmos. Essa toada tem me ensinado a percorrer os dias. Você não era mais como quando tinha 20 anos, mas eu também não sou. Mudamos. Você tem me ensinado sobre o que realmente é importante e eu tenho aprendido mais sobre auto-aceitação. Você tem me mostrado a importância de desacelerar e eu aprendido sobre a passagem do tempo e suas marcas. Demorou anos para eu entender que você é minha casa e, assim como cuidado do jardim, preciso cuidar de você.

Você carrega minhas cicatrizes, suporta minha raiva, protege minhas memórias, sente os dias e também me dá prazer. Tem dias que você grita e nem sempre escuto. Como quando dói. E você sabe doer. Desde sempre convivo com uma enxaqueca que não me abandona nem nos momentos mais felizes. E aprendi a conviver contigo latejando dentro de mim. Hoje tento parar para te ouvir. Silencio tudo. Desligo as conexões com o mundo externo. Tento respirar profundamente, mas nem sempre entendo o que você me diz. É impressionante como apesar de vivermos tantos anos juntos, ainda não nos compreendemos.

Às vezes penso que você chora para chamar minha atenção. Então, compreendo que você carrega feridas que ainda não cicatrizaram e que elas doem de tempos

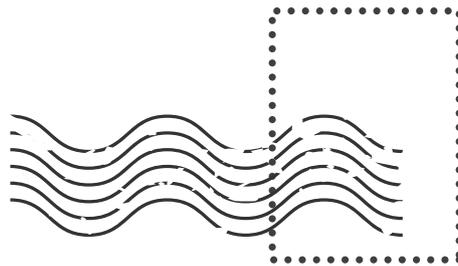
em tempos. Mas eu disfarço. Eu e todo mundo. Não queremos que os outros descubram que somos frágeis, vulneráveis. Te escondemos atrás de um sorriso para selfies dos stories, apertado dentro de modeladores de corpo que não nos deixam respirar, modelado por bisturis que nos recortam de acordo com os padrões exigidos, no consumo de cremes e botox para esconder que estamos envelhecendo. E com isso, nosso peso não é mais o mesmo, nem nossa pele, nem nosso cabelo, nem nossa atenção, nem nossos ossos, nem nossos músculos, nem nosso coração.

Que corpo é esse que habito? Que discurso nosso corpo articula sobre nós mesmos? E lembro dos versos de Rupi Kaur que diz, minha mente, meu corpo, e eu moramos no mesmo lugar, mas às vezes, parece, que somos três pessoas diferentes...

De quem te ama e te odeia e te ama,
Adriana Antunes



Imagem: Adriana Antunes





Em algum lugar, 09 de junho de ?

Oi, Vó,

Digo oi porque não sei se é manhã, tarde ou noite. A senhora não me conhece, sou a filha temporã de sua filha.

Escrevo em um entardecer de outono. Tem entardeceres aí? Imagino quão lindos eles são, o céu deve ter dégradés safira refletido nos tapetes ocre-avermelhados bordados nas calçadas pelas folhas de bordô.

Faz frio hoje, estou usando um pulôver de tricô verde-oliva, ponto pavão, eu que fiz, a mãe me ensinou. Lembra-se desse ponto, Vó? A mãe aprendeu com a senhora.

Roda na vitrola o “Tema de Lara”, do seu filme preferido “Dr Jivago”. Já estive na Rússia, Vó, vi a neve caindo sobre os telhados das casas típicas e deslizando suavemente pelas árvores das florestas, como no filme.

Gosto bastante de filmes antigos, quando os vejo, passo um cafezinho, cruzo as pernas e acendo um cigarro no outro. Adora, né?

Tenho sonhos que daqui de dentro vejo a senhora, no manejo sensual de sua bengala, passeando no jardim e conversando com as flores magentas dos rododendros florescidos. Tão bom sonhar, tão sem graça noites sem sonhos.

Vivo com a mãe, Vó. Sua filha tem 92 anos, lê o jornal todos os dias para não esquecer, segundo ela, das letras e palavras. Ela conta que seu melhor conselho foi “não se case virgem”. Sabe que muitas mulheres já conseguem transar livremente, mas ainda somos oprimidas em várias questões. Pelo meu tempo, Vó, a mãe não será avó, nem eu.

Vozinha, a mãe guarda, em caixas acamurçadas, todos os seus diários. Eu posso ler? Chorei na parte em que a senhora conta da tunda que levou do Biso quando deixou seu noivo de família importante porque estava grávida de meu vô, lindo e pobre. “Ordinária!”. o Biso te xingava. Soquei as almofadas ao ler que o Biso bebia, chegava tarde da noite em casa e tirava a Biso da máquina de costura para se apossar dela. Ela dava prazer pra ele, sem troca, e voltava para a máquina de costura. Tapa no rosto e cala a boca, mulher, era rotina na vida dela. Foi bom quando chorei o choro bom ao ler sobre o seu vestido de noiva com cauda de cetim. Verdade que o vestido era pra ser usado no casamento arranjado e a senhora o “roubou” e usou no casamento com o Vô? Ai, Vó, que coragem a sua!

Que mulher eu me tornei? Cuido da saúde das mulheres nas horas ocupadas, escrevo nas horas difíceis e olho para o céu nas horas alegres.

Sabe, Vó, eu tenho uma saudade desconhecida. Dos quadros tortos pendurados com preguinhos esburacando as paredes por toda a casa. As paredes leais das boas conversas, companheira de insônia, voyeur do gozo, confidente dos segredos mais sórdidos.

Do café forte com pão quentinho, do bolo de fubá com erva-doce, do do seu grito ao ver o leite transbordando em espuma no bule esmaltado.

Tenho uma saudade desconhecida do tear das colchas, dos xales, dos guardanapos, fio a fio, ponto por ponto, tecendo histórias. Dos cadernos de receitas, da biblioteca de livros de capa dura, da poltrona de veludo, do filtro de barro, da horta especiada.

Tenho uma saudade desconhecida das conversas que não falamos, das histórias de imigração, das paqueras nos bailes, dos namoros escondidos, do enrolar do garfo no espaguete, da taça de vinho, do jogo de canastra.

Ah, e da torta, esfriando no parapeito da janela, emanando aroma de amoras por toda a varanda.

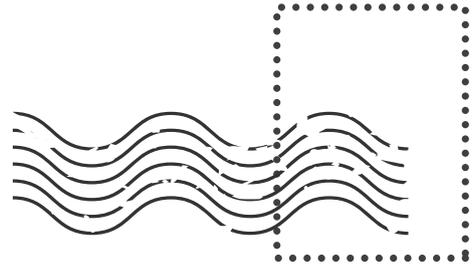
Nossos tempos não se cruzaram, cheguei depois de sua partida. Feliz aniversário, vó!

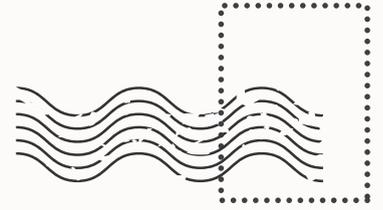
Mesmo que a senhora não veja, sempre ao seu lado,

Adriana



Imagem: Adriana Mondadori





Pomar da primavera de 2021.

Oi, mulher!

Como é que tu tá? Levando a vida, não é mesmo... um dia após o outro. Sei como é, faz tempo que também estou nesta. Estar viva já é uma dádiva, ainda mais quando na volta da gente tem gente que a gente ama e gente que ama a gente. É, mas tem alguma coisa aqui dentro que incomoda.

Hoje estava varrendo as cerejas. Não aquelas que vieram da Europa, as cerejas daqui, as nativas, sabe? O líquido vermelho manchava o chão... me fez lembrar do sangue, da violência que enfrentamos em nossas vidas. As frutas gordinhas eu comi, estavam deliciosas. Mas algumas, depois de cair, se esfacelaram no chão. Então, peguei uma escada pra colher as frutas do pé.

Ali do alto era bonito de ver, a beira do telhado, o céu azul... Tenho tontura nas alturas. Até na escada, me seguro. Minha pressão baixa quando subo nas montanhas e quando desço ao fundo das cavernas. Ontem, na série que assisti, uma mulher falava que a felicidade não é todo o tempo na vida, é como estar ora no céu e ora no fundo do poço. Concordo, a felicidade não é todo o tempo, desafio é encontrar este ponto de equilíbrio, sem deixar a vida morna.

Algumas frutas estavam podres desde o pé. Outras estavam pesteadas. A cerejeira é do vizinho. Tem que adubar, ter espaço pras raízes, mas eles não têm este cuidado. Por outro lado, se as árvores se comunicam, a árvore não é dele! Esta coisa de propriedade, cercas, muros é criação do ser humano. Assim como cercamos e limitamos nossas ideias.

Talvez a gente seja como a cerejeira ou as frutas, querendo um padrão. Não adubam a árvore, não cuidam ou regam e dão pouco valor à fruta que está menorzinha. Pra verde dizem que não está pronta, como à mulher, se é nova “ainda não sabe nada da vida”, tem que respeitar os velhos – abaixar a cabeça e calar. Se estiver mais madura, aí já não presta.. A machucada já vai para o lixo. Como nós e nossas feridas, condenadas sem tratar a causa.

Quando eu tirei a parte estragada, tinha fruta que era tri boa! Tanto as que estavam na árvore quanto as que estavam no chão. Lembrei da doceira de mão cheia que não vê fruta ruim, dá um jeitinho com carinho e tudo junto fica bom. Se a gente tiver junto, uma cuidando das outras, fica doce.

Sabe, não acho chavão dizer que nosso corpo é sagrado. Ele é. Como sagrado

que é, a gente respeita, cuida, honra e exige que os outros façam o mesmo. Autoestima e autovalor é algo que me parece tão em falta entre nós, mulheres... pra mim sempre fez. E é aí que a fruta se machuca. Vivi também uma história de relação abusiva. Nunca fui de ter muitas amigas, sempre fui meio sozinha; numa dessas, ele entrou na minha vida.

Fui manipulada a pensar que eu deveria agradecer por ele estar comigo. Depois de alguns anos, uma amiga mulher me ajudou a sair do ciclo de violência - das brigas seguidas de melosas e efervescentes declaração de amor. Mesmo que o tombo seja grande. Que seja alta a nossa queda, juntas conseguimos nos afastar do que nos machucou ou machuca e curar a ferida.

Nosso receptáculo alimenta abelhas que vem em busca de nossa energia, nosso doce néctar. Somos sustentação. Temos uma história ancestral de resistência feminina em nossos genes, cada mitocôndria marcada pela herança da mulher que veio antes de nós seguirá em nossa prole.

Este poder assusta aos homens. Deve ser isto. Já fomos queimadas nas fogueiras, punidas de diferentes formas por sermos mulher. E ainda somos. Tantas resistiram ao machismo e ainda hoje é necessário resistir. Isto incomoda. Ter sempre que estar atenta pra não ser silenciada, estuprada na rua, ver outras mulheres vítimas de violência em casa, no trabalho, crianças estupradas na família... O censo de 2019 disse que 70% dos abusos foram contra vulneráveis. Imagina o terror dentro de casa nesta pandemia.

Dos últimos tempos pra cá, parece que a discussão veio mais à tona. Também, com um deputado que depois é eleito (des)presidente que disse “não merece ser estuprada porque é muito feia” e tantas outras grosseiras às mulheres, indígenas, população negra, não podia ser diferente. Muito retrocesso em pouco tempo, conceitos que pensava já estarem ultrapassados estão vivos junto ao comportamento machista, misógino, homofóbico.

Tenho uma filha e um filho ainda crianças, fico aflita em como será o percurso das suas vidas. Outro dia conversava com uma mulher negra, periférica, estuprada menina pelo tio e padrasto, e agora via a filha... machucada. O cara bateu, tentou suicídio e a filha foi cuidar dele no hospital.

Ela me perguntou se eu achava melhor aguentar o machismo, ou criar a criança sozinha. Eu não sei, só sei que ninguém deve ser tratado mal. Comentei das redes de mulheres. Esta força potente das mães negras, das indígenas, de todas que vivem e enxergam o coletivo, que cuidam da sua prole e das outras crianças. Também tem uma gurizada nova que grita por igualdade.

Aproveita então o momento que o pomar todo está em revolta e não esqueça de acreditar em ti e de chamar se precisar. Seja de onde for, pode chamar. Vai ter quem te escute, as

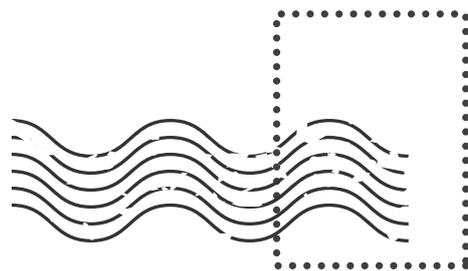
árvores se comunicam, eles não sabem como, mas elas se comunicam. Usa a palavra escrita também. Carolina Maria de Jesus escreveu da periferia dos anos 60 e suas palavras são tão fortes, potentes e presentes. Descobri que as palavras ficam registradas e são lidas, agora e através das gerações, como as mitocôndrias que só passam da mãe pra prole.

Juntas, o doce fica uma maravilha! Chama ê.

Asé,
Amora



Imagem: Ana Paula Fagundes





Santa Maria (RS), outubro de 2021 – nos instantes de inspiração

Querida Eu aos 8,

Há quanto tempo! Como tem passado? Tenho pensado em você. Em especial, tenho lembrado de uma cena que vivi e que você tem vivido muito: os cafés da tarde na casa da bisá junto com a mãe. Lembro da bisá no pátio que dava para os fundos da sua casa chamando para tomar café. Lembro de você sair de casa alegre com a mãe, tocar a campainha e esperar a bisá puxar a cortina da sala para ver quem havia chegado. Lembro da cozinha revestida com azulejos de formas geométricas, das panelas empilhadas umas por cima das outras no armário atrás da porta, da Frigidaire azul, da leiteira barulhenta que a vizinhança escutava e da bacia em cima da pia para lavar a louça (que você acha muito nojento! – risos). Consigo lembrar ainda da mesa de madeira quadrada posta com carinho: toalha simples, café, pão com manteiga e conversa fiada. Pra que mais, né? Enquanto escrevo consigo sentir o cheirinho de café na xícara redonda de vidro marrom claro. Hummm... Você adora esses momentos! Eu também! Nesses cafés, lembro que a bisá e a mãe declamavam versos. A bisá também retomava os estudos de rios e lagos que estudava para as sabatinas da escola nos anos 20. Você não tem muita paciência porque ela conta muitas vezes esta história. Você já sabe que a metade das águas que ela tinha decorado não existiam mais nos anos 90. Sei que você lembra disso, mas recorro para contar a você que hoje penso que essas águas nunca secaram. Ao menos na memória e na voz a bisá manteve essas águas abundantes seguindo seu curso. Repetir a história era para ela se manter viva. A bisá falava dessas águas como quem declama uma poesia. Lembra que ela escrevia versos? Sabe, sinto que há uma poética na bisá que também existe em você. Estou aqui, assim como ela, repetindo a contagem de uma história – a sua, a minha – para que a poética se mantenha viva em você, em mim, em nós.

Falando nisso, recordei que você leva seus escritos para ler nos cafés de tarde. Poesias rimadas que falam do cotidiano, das amigas, da família, dos cachorros. As poesias que falam de sentimentos você não leva com medo de que a mãe e a bisá façam muitas perguntas para entender de você. Depois de saber que nossa irmã mais velha escrevia com códigos em um caderno, você entendeu que não precisa contar tudo para os outros e que você pode escolher o que e com quem partilhar. Inclusive os sentimentos. Por quê tanto medo? Não acho que o medo era delas, mas sim de você. De descobrir o labirinto a percorrer que

é a vida. Coragem, querida! Coragem! Hoje acredito que não podemos contar tudo para os outros, assim como não podemos contar totalmente para nós. Isso torna a vida um caderno de páginas infinitas com códigos para aprender a decifrar e a ler. Às vezes sozinha, às vezes com outras pessoas para ajudar. Há pessoas preciosas que vale a pena partilhar este caderno! As amigas, as analistas e os coletivos podem ser companhias para partilhar os códigos. Mas não vou dar muito spoiler para a vida não perder a graça! Ah, spoiler é uma palavra que usamos nos anos 2020 para revelar algo antecipadamente para alguém. Sinceramente acho você pode estar me achando uma adulta um tanto nostálgica. Fazer o quê! Nem sempre que lembro de você gosto de tudo. Você costuma ser um pouco chatinha quando pergunta para mãe o que fazer quando está entediada ou quando acorda mal humorada.

Bueno... Quero voltar às poesias que você lia nos cafés da tarde. Por isso, também escrevo esta carta. A mãe e a bisá vibravam e diziam para você continuar escrevendo. Ao invés disso, você foi parando aos poucos. O que aconteceu com você, comigo? Esta foi a questão que fiz muitas vezes nesses anos quando tentava escrever. Pois bem, não escrevo esta carta para fazer cobranças, mas para contar que estou retornando às escritas. Ou estamos! Lembrar de você e dos cafés da tarde me faz ver que tenho mais motivos para escrever do que não escrever. Nessa lembrança há apoio, incentivo, perfume, gostos e afeto. Você vai me dizer que há medo também. Concordo. Há medo de uma escrita que seja diferente do ideal que criei para ela. Um nojo esse ideal! Só atrapalha! Tenho tentado olhar para a transmissão dessa poética que atravessa gerações de mulheres na família. Essa poética que costura você e eu na mãe e na bisá - mulheres que abrem espaço para essa conversa (fia)da, a(fia)ada, a fiar. A questão que fiz nesses anos tem perdido força. Graças a Eus! (risos) De tanto dizer que não conseguia escrever, tenho conseguido. Repeti tanto a questão que cansei! Estamos conseguindo! É uma alegria partilhar com você este momento! Aconteceu algo bem legal enquanto escrevo a carta e que tem a ver com isso que conto. Chegou o livro *Escrever*, da Marguerite Duras. Fala assim ó: “Marrguerit Durrás”. Na contracapa, a “frrrancesa” diz assim:

Escrever.

Não posso.

Ninguém pode.

É preciso dizer: não podemos.

E escrevemos

É o desconhecido que carregamos dentro de nós.

Achei tri bonito! Precisava escrevê-la aqui apesar de perceber que ela é difícil de entender aos oito anos. Então, me ocorreu uma ideia para tentar explicar a você. Vou tentar decifrar essas frases usando a imaginação. Imagina a cena do café da tarde vista da porta da cozinha. Você, a mãe, a bisá e eu e aquele café gostoso. Faz de conta que ao piscar os olhos

você faz uma foto da cena (clic!) e entrega ela para nossa irmã mais velha fazer um bordado em ponto cruz. E ela fez o bordado. Era como se toda vez que eu perguntasse “o que aconteceu?”, não pudesse bordar outra coisa naquele tecido enquanto aquele bordado estivesse ali. Que nem diz a escritora: dizer que não pode escrever até escrever. Dizer não até dizer sim. Dá pra entender? Então... Cansei de tentar achar resposta para aquela questão e resolvi "destecer" ponto a ponto do bordado em ponto cruz daquela foto feita ao piscar os olhos. Depois de "destecido", abrem-se espaços para novos bordados. Os momentos de cafés da tarde são o “antecido”. Ante o tecido "desteço" os pontos para abrir espaço e tecer novos bordados. Veja bem, "destecer" não é apagar. “Destecer” é abrir espaço para novos bordados, novos pontos para sustentar a vida.

Querida, me despeço dizendo que aprendo com você que a vida acaba sendo como a gente recorda para contá-la. Obrigada! Sinto alegria e alívio em saber que posso me comunicar com você. Se quiser, me escreva! Lerei a carta como se estivesse abrindo o caderno de códigos com você.

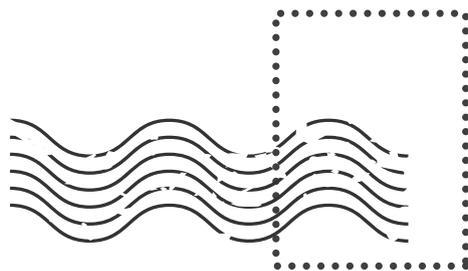
Com amor,

Eu atual.

ps: não escute as críticas que a professora de português da sexta série fará das suas poesias. Ela é uma pessoa que não vale a pena partilhar o caderno de códigos. Ah... Se puder, guarde os cadernos. São rastros preciosos para percorrer o labirinto!



Imagem: Vict3ria Toniolo Santos





Blumenau, primavera/2021.

Querida Nathália,

Pensei muito em ti desde nosso último encontro e, por isso, te escrevo esta carta. Há 19 anos, quando teus pais me convidaram para ser tua dinda, eu não imaginava a experiência que seria acompanhar uma menina crescer, virar mulher. Talvez porque eu mesma fosse tão menina. Eu tinha exatamente a tua idade de agora quando tu nasceu e eu me sentia pequena diante do mundo. Pequenas todas somos mesmo, sempre, porque o mundo é bem grande. Mas eu ainda não sabia que, mesmo pequena, se pode crescer por dentro.

Nossos últimos encontros têm sido cheios de conversas bem profundas. E eu gosto muito disso. Eu gostaria muito de ter tido com quem conversar algumas coisas quando eu tinha a tua idade. A nossa família é tão cheia de mulheres como é de silêncio em relação a alguns assuntos. E o silêncio pode fazer muito barulho dentro da gente, especialmente quando a gente é mulher e está descobrindo o mundo.

Eu gostaria de ter tido com quem conversar sobre esses barulhos. Gostaria de ter tido com quem conversar sobre o meu corpo, sobre prazer, sobre sexo, sobre consentimento. Gostaria que tivessem me dito que eu posso ser livre para amar e ser quem eu quiser, do jeito que eu quiser e com o corpo que eu quiser.

Sabe Nathi, eu demorei um bocado pra entender a força do meu corpo. Demorei pra entender que ele carrega minha história em cada pedacinho, em cada marca e que por isso ele é tão bonito. Tão único. Demorei pra entender que só quem ganha quando eu travo uma batalha infinita com ele é o patriarcado. Demorei pra me cercar de mulheres fortes e livres e fazer delas minhas aliadas e não rivais.

Nem todos os dias são assim, claro. Às vezes eu ainda vacilo, é uma construção diária. Mas sabe que, desde que comecei a achar beleza no meu corpo, tenho achado beleza em todos os corpos únicos que encontro e tenho me interessado muito pelas histórias que eles contam? É mesmo curioso esse efeito, quase como se tirassem a lente embaçada pela qual eu olhava o mundo até então.

Eu sei que têm coisas que se aprende com o tempo. Mas também sei que têm outras coisas se pode aprender logo e quanto mais cedo se aprende, mais tempo se tem pra poder viver toda potência que existe em nós. E isso é revolucionário!

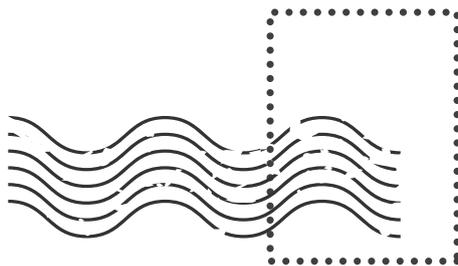
Eu adorei saber que tu guarda todas as cartas e cartões que te escrevo nestes 19 anos e que existe uma caixinha onde moram todas as palavras que venho buscando pra deixar registrada a nossa história. Aqui estão mais um tanto delas.

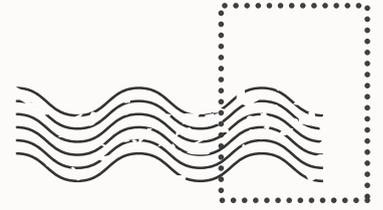
Tô sempre aqui pra ti e pros teus barulhos.

Com amor,
tua Dinda



Imagem: Isabela W. S.





Porto Alegre, 20 de outubro de 2021.

Amadíssima, caríssima, DILECTA, predilecta, marca de goiabada!

Hoje, o dia do teu aniversário, 84 anos! O tempo envelheceu-nos, mas o que é o tempo? Escrevo para te abraçar, agradecer e manter viva; enquanto escuto “Adios Nonino”. Escrevo para dizer que a tua neta Sofia veio do Rio de Janeiro e revirou todas as gavetas e armários da velha casa da família querendo encontrar narrativas, segredos, verdades soterradas... vestígios do tempo. Como se fossem fios para costurar pertencimentos.

Hoje tuas três filhas e teus dois filhos te recordam e te mantêm na memória. Teus cinco netos vão religando-te, recontando-te, cada um a sua maneira. O velho permaneceu fiel a sua família, gosta de viver, contar histórias e cozinhar. Eu não gerei no próprio útero (do tamanho de um punho?). Afinal, a bisavó Maria pariu 16, a nona Carmelina 15, você 5, entre tantas outras ancestrais que deixaram suas sementes humanas (...eu parto a cada parto... fiquei imóvel nas reticências e entre parênteses!)

Os pés de sálvia floresceram neste ano em que a pandemia levou tanta gente no mundo todo! Escrevo para transbordar e preencher um vazio que rodopia em espiral. O fogão a lenha continuou no seu cantinho, às vezes sem uso, agora o pai voltou a fazer fogo para manter-se. Tantos objetos que ficaram para inventariar: as poucas fotos que a família possui da infância e do tempo em que vivíamos juntos, o rádio a válvula, a cobertura de mesa e a mesa, os crochês, o acolchoado de lã de ovelha, a máquina de costura, a penteadeira. A cada arrumação alguns permaneciam, outros davam espaço, as perucas e os relógios se foram! Estranhos movimentos de coisas encantadas. (O que não foi revelado nos 35 anos desde a tua partida?)

Somos todos professores como a Senhora! Trabalho no Passo das Pedras, periferia da capital. Lembra da primeira série que fiz com 6 anos no colégio Casa da Criança: você, professora da rede estadual, me levava para ser alfabetizada pela amiga Maria Aparecida junto com as crianças do burgo (eu com meu guarda-pó branco). Contigo aprendemos tanto em tão pouco tempo sobre alteridade e ter um olhar generoso, sobre a fome e as injustiças sociais, sobre resiliência.

Será que escolhemos heranças? A tua grande família rural, teus irmãos, que não

conseguem repartir os poucos hectares de terra que, por lei, são de todos. Teu vilarejo de Nova Pádua tão reacionário e tão distante dos nossos ideais da religião na prática, nem sei por que rezam tanto.

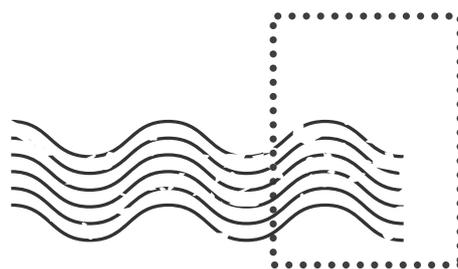
Busco e carrego o teu legado, são tantas histórias, mas vamos selecionando a cada momento uma, a porção de ti que está em mim, o chavão que abre porta grande. Escrevo sem muito pensar, nem pesar, num espaço de tempo ágil para tal: assim as palavras saem feito borboletas ao encontro do jardim que ainda pulsa. Também não quero perturbar a paz do teu descanso. La Pachamama, todavia, nos sorrié.

Carta 37. Vou numerando e nomeando as cartas: na tentativa de encontrar-te ou na tentativa de elaborar respostas para as grandes questões (sem respostas). Jogo as cartas ao vento.

Com carinho, I love you,
tua filha Solange.



Imagem: Eliana Menegat





Porto Alegre/Charqueadas, outubro de 2021.

Oi, tudo bem por aí?

Resolvi te escrever porque faz tanto tempo que não te vejo que começou a me bater uma saudade.

Não sei como acabamos nos afastando, só sei que foi aos poucos e nem te percebi indo embora discretamente. Sim, sinto que foste tu quem foi embora e eu fiquei aqui, vivendo a vida sem perceber.

Lembrei de ti quando encontrei aquela tua foto sentada diante de um cavalete de pintura no museu, então, resolvi te escrever. Lembra dela? Me fez lembrar os teus projetos (ou seriam desafios pessoais?), contados com entusiasmo e brilho nos olhos que dava vontade de qualquer um embarcar neles contigo!

Visitar todos os museus de Porto Alegre em um ano, esse lembrei aqui! Enriqueceu-te tanto, me lembro!

Sabe onde estou sentada agora, terminando essa carta? Na Casa de Cultura! Teu lugar favorito para assistir um filme sozinha. Sabe quando a gente sai para um lugar específico, com aquela esperança ilusória de encontrar aquela pessoa? Nem que seja para encontrar apenas algumas lembranças dela? Vim aqui movida por isso, devo confessar.

Tu estás em tudo! Vi-te na exposição de fotografias, tenho certeza que estaria comentando algo engraçado, te conheço! Vi-te no cartaz do filme das 16h30, ele traz uma discussão interessante! É um daqueles filmes que tu sempre falavas que precisava de um tempo para “digerir”. Vi-te na cafeteria onde sempre pedia o carregador emprestado, o atendente até já te conhecia! Essa lembrança me fez rir! Lembrei daquela história...

Estou te vendo agora! Sentada, com teu caderninho, escrevendo à mão, como de costume. Esta carta também está sendo escrita com papel e caneta, como tu escreverias.

Estou terminando de escrevê-la em casa, em um dia quente, lembrando da gente.

Quero voltar logo a sentir teu entusiasmo diante da vida, aquela sede de viver que só tem quem já entendeu que a vida é urgente e que não há mais tempo a perder. Aquela força, aquele brilho no olhar, aquela curiosidade infantil diante da

vida e do mundo, preciso dela aqui e sei que fazia parte de ti.

Cada dia percebo que tenho tomado decisões que me colocam de volta ao caminho onde iremos nos reencontrar.

Não há a necessidade de pedir-te perdão ou dizer que estou arrependida de te ter deixado partir, porque foi tão aos poucos que quando me dei por conta já estavas longe demais. Agora entendo que foi necessário estarmos distantes para sentir que precisamos nos (re)encontrar outra vez.

Aqui estou de peito aberto, braços abertos e com um sorriso no rosto, te esperando como quem volta para casa depois de uma longa e cansativa viagem.

Sinto tua falta, te quero de volta, minha essência perdida.

Um abraço da eu de agora para a eu de dois anos atrás,
aquela que anda sentindo tanta falta.

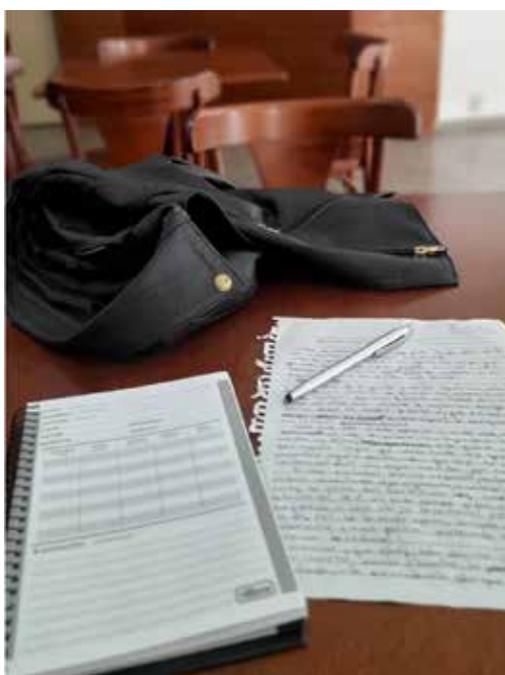
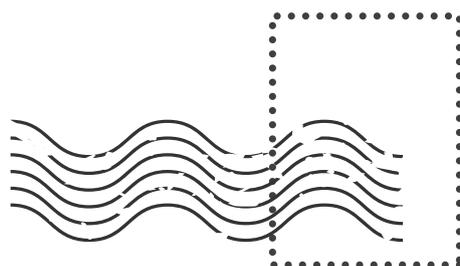
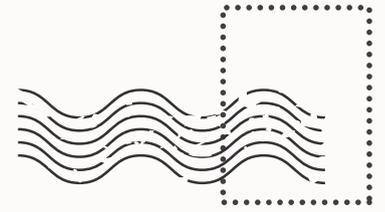


Imagem: Eliane de Souza





Porto Alegre, 25 de outubro de 2021.

Cara, Anele,

Como você está por aí? Por aqui escrevo esta carta na companhia do Ipê roxo que me espia pela janela do meu consultório em pleno início de primavera. Depois de duas semanas intensas de despedidas, hoje estou de volta à cidade que habito para tocar a vida. Nos dias em que estive na sua casa, em Êrexnax, ouvi muito do seu marido que você dizia nos últimos meses que não iria durar até dezembro. Eu não imaginava o quanto tu estavas sofrendo e tento compreender por que você não quis contar a ninguém que as coisas estavam piorando.

Desculpe, mas não me contive em ler o seu diário. Me surpreendi com sua dor e por descobrir uma outra versão sua que não só a da sogra invasiva, mas também a de uma mulher sensível com as letras. Só agora entendi porque choravas tanto no meu casamento com teu filho. Lembra que a Mimi deixou todas nós impecáveis? Amei a maquiagem que ela fez em você. Agora restam aqui as fotografias, como fragmentos de memória de quando nos abraçamos pela última vez antes da pandemia. Sinto muito termos nos visto de novo apenas nesta situação.

Eu não imaginava que o estado do teu pulmão era tão grave, me assustei com teu exame de 2017, o qual também não me contive em ver quando meu sogro quis mostrar. Entendi que ele precisava narrar e compartilhar a dor conosco de acompanhar a esposa na dor de furinhos do tamanho de uma moeda de 1 real, ou ainda maiores, espalhados pelo território pulmonar. Aliás, durante os dias que tu ainda estavas internada, também me surpreendi com a culpa dele em falar na possibilidade da tua partida. Tentei ajudar dizendo que não havia problema algum em falar nisso, pelo contrário, narrar ajudaria na travessia desse momento. Por que será que muitos homens sentem tanto medo ou culpa em expressar seus sentimentos? Ou todes somos assim?

Também conversei muito com sua cachorrinha que andava pela casa choramingando de saudades tuas. Domingo passado, abriram uma exceção na UTI e me deixaram entrar com teu filho pra te visitar. Quando voltei, contei do encontro pra ela. Falamos tanto entre tantos fios e máquinas, espero que você tenha nos escutado.

Numa outra tarde quente e abafada que teu filho me ligou dizendo que o médico avisou pra ficarmos todos juntos, pois tua travessia poderia acontecer a qualquer momento, me dei conta que ninguém tinha escolhido tua roupa. Chamei a tua filha canina para escolhermos juntas. Quando cheguei na porta do teu quarto hesitei. Nunca tinha feito uma escolha dessas e pensei que talvez eu estaria me intrometendo, que teu marido e teus filhos poderiam querer fazer isso. Mas daí a tua voz viva em mim, retumbou aquela tua risada exorbitante acompanhada da frase: "mas bem capaz que precisa de autorização dos homens da casa, norinha! Entra logo aí e escolhe um vestido". E foi o que fiz. Escolhi até um casaquinho pra te deixar quentinha, mas pensei "será que precisava"? No fim, o casaco não serviu. Preocupação à toa. Meu problema sempre foi me preocupar demais. Mas ficastes linda! Depois teu filho escolheu uma blusa branca que foi colocada por cima do vestido, acompanhada de flores amarelas que adoravas.

Nem te conto que nos momentos de despedida entre as famílias ouvi uns absurdos como o de uma cunhada sua: "agora tu vai ser a mulher da família, cuida deles", o que respondi: "eu não tenho esse perfil de mulher", e ela insistiu sem entender minha crítica: "com o tempo você consegue". Percebi não só neste comentário, mas também ao ver quase todos homens da família inertes em tua despedida, o conservadorismo que pairava no ar. Que dificuldade deles em acolher, em cuidar, ou ao menos perguntar se precisávamos de alguma coisa. Infelizmente esse papel de cuidado ainda concerne muito mais às mulheres. Aff! tanta coisa pra fazer e resolver. Imagino o teu cansaço com isso.

No dia que tu partiu, me deparei com o último tapete inacabado que tu estavas fiando no teu tear. Claro que iria ser amarelo, não? kkkk. Acho que, a partir de então, sempre lembrarei de ti quando me deparar com essa cor de novo. Tramaste tantos fios de vida por aqui. Te desejo um bom descanso!

Com carinho,
Giovana Dalcin Netto

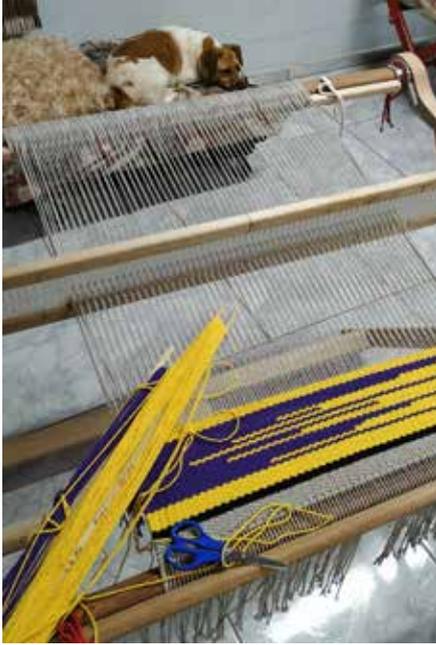
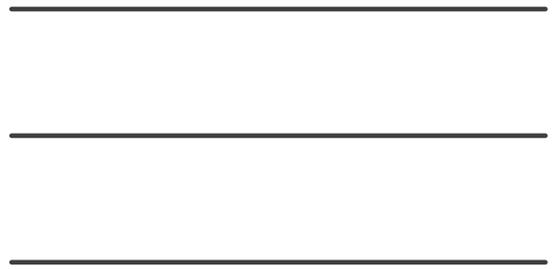
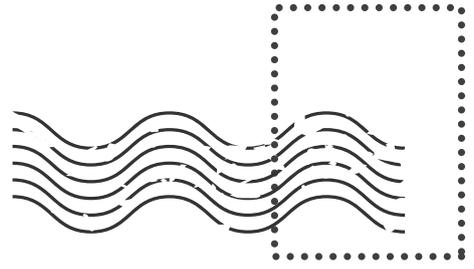


Imagem: Giovana Dalcin Netto





Rio Grande, 14 de outubro de 2021.

Vozinha Ester,

faz um tempo que eu quero te escrever, mas não sabia como. Quando pequena eu via o quanto você gostava de receber cartas, de ouvir a leitura de cartas. Fiquei pensando em te escrever, rolando as notícias do Instagram fui encontrada pela oficina de cartas proporcionada pelo Fora da Asa.

Aqui nesse estado que a senhora nunca conheceu, existem mulheres que me abraçaram de tantas formas, a senhora ficaria feliz de conhecê-las. Eu escrevo porque eu sinto sua falta, dá um aperto no peito. Eu não conto pra ninguém, mas eu choro às vezes, a saudade fica molhando meu rosto. A senhora me ensinou a ser uma mulher forte, mas se eu tivesse que chorar que eu chorasse com vontade porque “ninguém é de pedra”.

Lembro da senhora com as mãos enrugadas colocando sempre mais um banco ao redor da mesa para almoçar, jantar ou tomar café. Esse foi o primeiro e mais importante ensinamento que a senhora me deu, o de compartilhar a comida, as roupas, a casa, as palavras de angústias e principalmente o amor. Meu avô me ensinou a sentir os cheiros para descobrir os nomes dos remédios vindos da floresta. A senhora cozinhava com as panelas enormes sempre para receber mais alguém, poderia ser qualquer pessoa que passasse pela sua porta com fome, desde pescadores, crianças, mulheres que chegavam da roça com seus filhos e filhas.

Sua casa ainda está no mesmo lugar. Ainda sinto cheiro das ervas, que o vô me ensinou a identificar, mas não sinto o cheiro da sua comida, nunca saberei preparar um peixe como a senhora, nem o mingau de milho branco, que tanto eu adorava experimentar nas noites de São João. O barracão das festas ficava e ainda fica ao lado da sua casa. Guardo na memória as inúmeras celebrações que assistimos juntas da sua janela, eu ainda tão pequena não alcançava aquele janelão e a senhora ria de mim, me segurava no colo para assistirmos o carimbó.

A sua maior alegria era reunir, reunir a família, os amigos, amigas, reunir pessoas. Meu avô era desconfiado, mas a senhora era destemida, não se importava, não tinha medo do desconhecido. Havia um rio próximo da sua casa que não existe mais. Nas noites de Lua Cheia, com o céu estrelado, colocávamos as cadeiras de plástico ou sentávamos no chão próximo ao rio da passagem para ouvir as suas histórias de visagens.

A senhora tinha um jeito único de contar histórias, os seus gestos eram paisagens do tempo, faziam as palavras ganharem vida. Sua risada era contagiante, ficava feliz em ouvir a senhora sorrir como se nada mais importasse e tudo fosse apenas uma canção de riso bonita. A senhora viveu uma vida simples, trabalhou muito para criar os filhos e filhas, mesmo com os esforços diários a senhora não deixava de colocar um brinco, pentear os cabelos, cuidar das unhas. O seu cuidado com o corpo nunca foi uma vaidade, ou preocupação com o olhar das outras pessoas, mas sim, um autocuidado consigo mesma. Eu adorava ver a senhora penteando os cabelos pela manhã; quando eles ficaram todos brancos suas filhas sugeriram pintar de outra cor, mas a senhora os queria brancos, que fossem naturais, que fossem seus.

Não poderia deixar de mencionar a sua enorme cama, vizinha. Ela ficava pequena pra receber tantos netos e netas. A senhora não gostava de briga, eu e minhas primas ficávamos disputando para ver quem iria dormir com a senhora. Fiquei aborrecida várias vezes por não dormir com a senhora na cama. Quem dormia com a senhora sabia que teria muito afago e carinho, iria ouvir em primeira mão uma história, talvez inédita. Seu coração assim como a sua cama era enorme, a senhora sempre deu um jeito para que todas e todos nós pudéssemos dormir juntas e juntos. Esse seu amor era algo que transbordava.

Não gosto de lembrar da época do AVC. Não gosto de lembrar da senhora triste por não poder caminhar. Não gosto de lembrar dos inúmeros exames que a senhora teve que fazer e todas as lágrimas de tristeza que a senhora derramou, nem das dores, nem da despedida mais dolorida que a senhora enfrentou que foi a do meu avô. Ele sofreu com o AVC também, mas foi diferente, não gosto de lembrar.

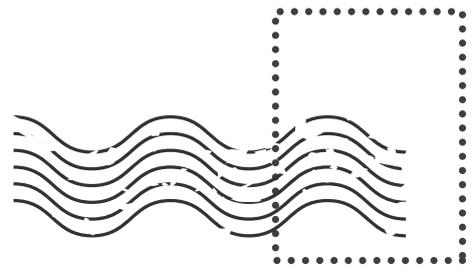
Prefiro lembrar da senhora feliz, recebendo a família, abraçando a gente, sendo tão carinhosa. Quando a senhora se foi eu não quis ir ao enterro porque doía muito, muita gente foi, pessoas de vários vilarejos e cidades porque a senhora recebia todo mundo. Eu te amava, vó. Me perdoa por não ter ido. Eu não queria te ver daquele jeito, porque a senhora foi a melhor parte da minha infância, foi meu abraço mais quentinho, minhas palavras de apoio, uma mulher que me inspirou e me inspira. Obrigada por todos os momentos felizes, por todo o amor que a senhora doou, por todas as horas juntas, mesmo aquelas de angústia, obrigada por me ensinar com a sua própria vida. Eu me formei, vizinha, moro em Rio Grande, onde faz frio, conheci uma pessoa legal, tão calmo como o vovô, ele é artista, a senhora ia gostar dele, sinto tanta saudade da senhora, eu continuo sendo a menina de fogo, a pinga fogo, com a personalidade forte, a senhora dizia “não deixe ninguém pisar em você” fica tranquila, vó, ninguém vai ousar pisar em mim porque a senhora me ensinou a seguir em frente e ser uma mulher forte mesmo derramando algumas lágrimas.

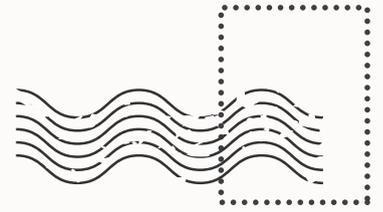
Eu te amo muito. Eu sempre vou te amar.

Com Amor e Saudade,
da sua neta Loloca.



Imagem: Ana Clara Tissot





Porto Alegre, outubro de 2021.

Oi,

A luz do sol invadiu meu quarto. Atravessou um cristal, pendurado na janela, fazendo vibrar lilases, verdes, amarelos e vermelhos. Queria um dia como este para escrever essa carta e lhe contar que continuo tentando entender o que passou, naquela noite, no nosso encontro, à beira do rio.

Parece um filme que não sai da minha cabeça. Tem uma cena principal que não esqueço jamais. Mas, às vezes, fica impossível explicar o que aconteceu.

Você sabe que aquele rio margeia a terra de onde nasci. Minha presença é praticamente natural, por ali. Porém, tenho andado por outros lugares e nunca esperei para encontrá-la por aquelas bandas. Ali, tudo é desperdício, não fosse o rio. Dá até medo.

Naquela noite, uma tristeza tinha invadido meus pensamentos. Quem nunca se sentiu assim? Aliás, você sabe que não dispenso esse sentimento. Mas, nesta condição demasiado humana, qualquer esforço ganha intensidade e pode me levar a cálculos medianos sobre minha capacidade de criar uma saída. Uma alegria mínima, que seja.

Provavelmente, deixei-me tomar pela extensão e profundidade das águas. Um mergulho na superfície, seria preciso. Porém, andava tão indecisa. Meus esforços se consumiam na travessia. Especulava. Batia pino. Tinha o corpo cheio de dores.

Você parecia distante o suficiente para manter a calma, naquela situação. Largou as bagagens no chão, como se aquilo bastasse. Observou o papel em tons de verde e vermelho que cobria seu corpo. Somente o rosto estava sob transparência. Não titubeou, tampouco se perguntou se tinha forças para transportar o caixão. Arrancou seu corpo daquela fantasia natalina, apoiou-o sobre as costas e seguiu, na contracorrente.

Fiquei me perguntando sobre as cores dos papéis que davam forma ao caixão. Detalhes com florezinhas? E mais: teria a ver com os nascimentos? Mais ainda: com as mortes cotidianas? Uma grande questão: como seria possível carregar o próprio cadáver?

Bem, não posso encerrar sem lhe contar que estou de mudança, novamente. Desterritorialização? Não! Outra cidade. Só. Não me refiro a partir sozinha.

Apenas partir, lidando com o presente. Talvez seja a lida mais difícil, o mergulho mais profundo.

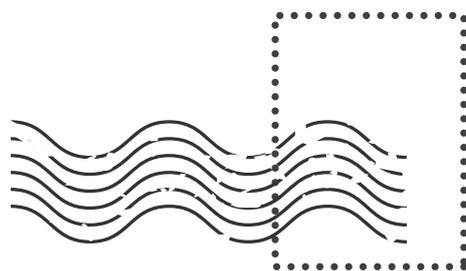
Presumo que você esteja sempre ao meu lado e que meus desejos sejam do seu conhecimento.

Com todo meu coração!

Mari



Imagem: Mari Bortoli





Outubro, primavera de 2021.

Para a Mari de vinte anos atrás,

Oi, minha pequena. Tudo tri? Eu sei, tu não gosta que te chamem assim, te chateia ver que os teus amigos têm mais de um e sessenta de altura e tu não. Mas honestamente, isso não será relevante daqui alguns anos, porque estatura alguma te define ou te limita. E nem de longe tu é uma pequena qualquer. Tu é *pocket*. Tipo os livros — e a boneca Polly — e logo perceberá a tua grandeza.

Eu não quero te assustar, mas escrevo para dizer coisas que, talvez, tu goste e precise saber. Então confia em mim, eu não sou uma estranha. Eu sou tu ali na frente, e só quero te ver feliz. Falando nisso, cadê o CD das Spice Girls? Eu sei que tu ainda escuta, e sei o quanto tu gosta de dançar — isso nos faz bem. Então aperta o *play* e deixa tocar *Wannabe*. Essa música marcou, né? Foi com ela que ampliamos o vocabulário em inglês e aprendemos desde cedo o significado da palavra “Girl Power”, que merece ser dita em voz alta diariamente, para jamais esquecer que o poder vem de dentro, e que a nossa força é acreditar, principalmente em nós mesmas — o tempo vai te mostrar que nós, mulheres, somos e podemos muito. Eu só te peço para confiar em tudo que virá. Tu confia?

Por falar em tempo, sejam amigos, — essa amizade te ensinará coisas que tu sequer imagina que precisa aprender. Saiba que ele não virá sozinho, mas na companhia da *maturidade* — é junto deles que tu finalmente entenderá que tudo tem seu tempo para acontecer, e que o teu tempo é diferente do tempo dos outros, não adianta tentar apressá-lo. Por isso, não seja ansiosa e imediatista, nem sempre as coisas acontecerão quando tu deseja, ou serão do jeito que tu quer. E, assim, tu aprenderá a esperar. Não será fácil, mas valerá cada segundo, pois a espera estará acompanhada da *mudança*. Tente não temê-la, pois ela sempre traz algo novo — e a novidade te encanta, tu sabe. O novo pode ser tanta coisa: um novo jeito de pensar ou um lugar para viver. Uma nova oportunidade; uma descoberta ou uma perspectiva do todo (e de tudo). Talvez seja um novo visual, ou até mesmo um novo amor.

E por falar em amores, eles estarão presentes na tua vida — isso mesmo, *amores*, no plural. Alguns ficarão por um tempo, outros serão passageiros, mas nenhum será por acaso. Eu te sugiro vivê-los, pois o amor sempre vale a pena... E curiosa do jeito que tu é, não vai sossegar enquanto não arriscar — eu acho incrível a nossa disposição em ir atrás do que faz o coração bater. Mas cuidado,

às vezes o sentimento só existirá dentro de ti, e não no outro — nem todo mundo escolherá ficar. Somos livres para escolher e respeitamos quem decide seguir sem a gente... Até porque, haverá momentos em que seguiremos sem o outro, também. Eu sei, é uma droga. Mas nem sempre *2 become 1*. Por isso quero te alertar da diferença entre tentar e insistir, que, infelizmente, tu descobrirá do jeito mais doído... Mas vai passar. Dizem que *tudo passa, no seu passo*. E é verdade. Eu te peço para cuidar, então, do teu coração. Ele será como uma colcha de retalhos, praticamente um *patchwork*, que contará a tua história: legítima e cheia de vivências, que farão de ti a pessoa que somos hoje. Não desista! Nem tenha medo de amar de novo — mesmo que tu prefira estar contigo mesma, para cantar bem alto *don't wanna know about that love thing*¹. Viu? Eu ainda sei a letra das músicas, que tanto tempo depois, seguem fazendo sentido para nós.

Aliás, te digo que certas coisas sempre farão sentido, outras não. A vida se apresenta diferente do teu cenário ideal. E mesmo que tu tenha as falas decoradas, o elenco escolhido a dedo e um roteiro digno de premiação, quase nada acontece como tu imagina. A protagonista no (nosso) palco vai precisar lidar com situações adversas — é no improviso que ela aprenderá a desconstruir para construir de novo. Sei que parece ruim, mas é assim que a *transformação* acontece. Talvez a plateia não entenda, não acompanhe ou não goste da apresentação, faz parte. Tem coisas que ninguém vê... Mas tu sabe que o *backstage* leva ao encontro de algo essencial: o *autoconhecimento* — é através dele que entendemos os (nossos) processos e percebemos que nem sempre haverá ensaios. O segredo é aproveitar as oportunidades e lembrar que a vida é no agora. Então não perde tempo. Mas sempre que puder, olhe para o que te acontecer, acolha os dissabores e ressignifique. Te permite, sem arrependimentos. Ou te arrepende, mas sem culpa. Mas não tente controlar o que não depende só de ti. Lembra que, em determinado momento, tu dará conta de ser e fazer o que a tua consciência sabe — e cá entre nós, será que alguém sabe como agir diante do inesperado?

A faixa oito já deve estar tocando, apenas ouça. Sei que não foi *single*, mas a letra é tão cheia de significado, faz refletir sobre as experiências ao longo do caminho. Sobre isso, eu te digo uma única palavra: permita-se. Faça viagens, com destinos reais ou para dentro de ti, colocando na mochila somente o necessário, mas levando o amor-próprio na bagagem de mão. E quando puder, explore o mundo, seja fora do país ou nas páginas de um livro. Mas não espera o "momento ideal" para fazer algo, ele não virá. Vive o teu momento, mas respeita os teus sentimentos e a tua essência, sem se apegar ao que passou. Não idealiza demais, nem cria expectativa — ela parece inofensiva, mas é a grande vilã. Sei que não adianta te falar, tem coisas que só farão sentido depois, e eu não posso apressar o teu passo. Seguimos, então, no teu tempo. Lembre-se que nada dá certo

¹ **Não quero saber dessa coisa chamada amor** (Música: Love Thing. Grupo: Spice Girls. Ano: 1996).

na hora errada —, aliás, tem coisas que só dão errado, e estranhamente, esse é o jeito mais certo de ser. Mas ainda assim, vale a pena tentar, sem medo de errar ou medo do que virá, porque no fim das contas, *os medos não fazem sentido* — grava esse nome, essa frase mudará a tua vida. E por fim, não demora onde não há lugar para ti. Fica onde tu possa ser tu mesma. E seja, sobretudo, feliz.

Espero que tu ainda esteja lendo essa carta (se eu te assustei, desculpe, não foi a intenção). Saiba que conversar contigo, significa muito para mim, e faço isso do melhor jeito que sei: através da escrita. Por isso, eu te trouxe um presente: canetas em gel e um caderno, para que tu comece a escrever. Anota frases de filmes e letras de música; escreva cartões, poemas e jogos de rima. Coloque tudo no papel. Sem pensar, só sentir — e tu sente muito, gurria, então escreve. Um dia, tudo isso vai virar história para contar. Acredita em mim. Tu acredita?

Não precisa responder. Eu te falei tantas coisas, mas sei que tu só irá entendê-las na hora certa, e ela chegará. Por isso deixa a vida te surpreender — sabemos o quanto tu odeia surpresas, mas não existe *script* ou *spoiler* do que vai acontecer. Então aproveita o hoje, em harmonia com todas as *Maris* que existem em ti. Que tu ame quem tu és e a pessoa que eu serei. Que valorize as tuas qualidades, reconheça os teus defeitos e faça as pazes com o teu corpo — ele é perfeito e bonito, e é o teu lar. Que tu saiba reconhecer os teus limites e não aceite menos do que tu merece — não esqueça, nem por um segundo, do teu potencial. Tu é comunicativa, então encontre o teu espaço de fala, e fale. Te faça ser ouvida, mas também saiba ouvir. E o mais importante: aprenda a te escutar — o nome disso é *sabedoria*. Que tu te goste e não te perca de ti! Mas se te perder, que tu te encontre — seja no teu sorriso, que ilumina ou na tua gargalhada, que contagia. Por maior que seja o teu desencontro, tu sempre vai te (re)encontrar em ti mesma.

O CD parou de tocar e eu paro por aqui, também. Obrigada por todas as nossas memórias — tu não imagina o quanto eu cresci e aprendi contigo, e é por tua causa que eu nunca desisti. Continua, minha gurria. Acredita nos teus sonhos e em versões ainda melhores de nós — tu é tudo para mim! Eu te diria para me escrever qualquer dia desses, mas tenho uma ideia melhor: viva! Com toda a tua verdade e jeitinho único de ser — essa é a melhor resposta que tu pode me dar. Pensa em mim como a amiga mais velha que dá conselhos, ou que tenta aconselhar. E sempre que puder escolha vestir azul — tu fica bonita demais com essa cor, desde quando era bebê. Agora vai. E deixa a vida te despentear, Pocket — o descabelado é parte, também, de ti. O meu último pedido é que tu faça jus à minha música favorita das Spice Girls, que diz: *and all that I want from you is a promise you will be there*², porque eu sempre vou estar.

² ***E tudo o que eu quero de você é a promessa de que você estará lá.*** (Música: Say You'll Be There. Grupo: Spice Girls. Ano: 1996).

Um beijo da Mari de agora, orgulhosa
por, juntas, sermos nós

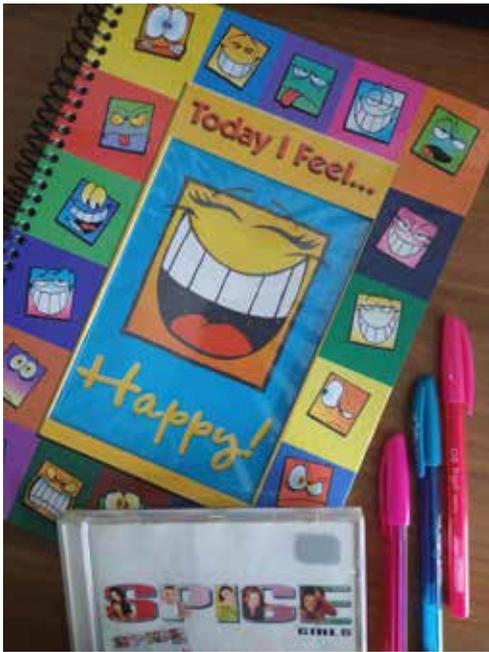
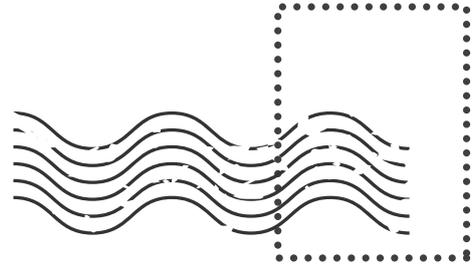
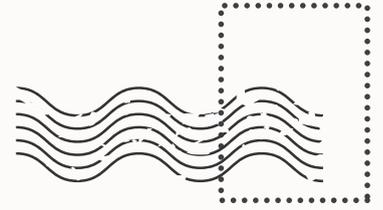


Imagem: Mariana Pfingstag





Praia Grande, 13 de outubro de 2021.

Camila querida,

cheguei anteontem acompanhada por uma chuva fina e persistente, e de uma neblina furiosa que não me deixava ver o cenário ao meu redor. Mas podia ouvir!! Os pássaros, os sapos, e principalmente o som do rio que corre nos fundos da casa. Sempre gostei do barulho das águas (será que alguém não gosta?). Esse som-correnteza, abundante e sereno. Incessante. Como o tempo, não?

E por falar em serenidade, o nome da casinha onde estou é Chalé Serena. Vim mesmo em busca de serenidade, e encontrei. Te escrevo sentada no pátio, de frente pro verde da mata nativa, ouvindo os sons ao redor. Um galo tem me acordado - meio hiperativo, ele, e pelo visto gosta da própria voz. Divertidamente bucólico.

Não pensa que estou te enrolando com essa conversa toda de abraçar árvore (sabe que eu tenho prazer em abraçar árvores? Dá pra notar?). Quero te responder os e-mails, e compartilhar mais textos do "palavra-isca". A questão é o tempo... a previsão era de chuva, mas o sol se mostrou, ainda que tímido, e então pude ver os cânions. Os olhos não alcançam tanta beleza, tanta a grandeza dessas montanhas. Mas tem partes com uma neblina muito forte, então não dá pra ver o todo. Será que um dia a gente vê o todo da imensidão, Cami? Lembrei que tu me disse que é mar - tu já viu todo o mar?

Por falar em imensidão, é essa a característica que o encontro contigo tem pra mim. Podemos muito através da escrita, disso eu já sabia. Mas não sei se eu vivia isso como uma possibilidade ainda porvir, e tu me mostraste que é possível - porque tu fazes coisas acontecerem de uma maneira que é nova pra mim. É como um fenômeno que a gente ouve falar, mas nunca viu de perto - e te acompanhando, eu vejo de perto, eu vejo acontecer. Vejo a maneira como tu conduz uma coletividade. Vejo como tu olha pro mundo, e como o mundo aprende a partir do teu olhar - e da tua escuta. Eu já te disse que admiro tua escuta?

Sabe que quando eu fui na Fora da Asa pela primeira vez, pra fazer o curso com o Peter, eu me reconectei com a Marieta de 30 anos atrás... Aquela Marieta foi pra São Paulo com espírito desbravador, querendo ver mais, viver mais, conhecer a liberdade. E a Marieta que subiu a escada da Fora estava justamente querendo

lembrar como é ser livre - de uma maneira talvez mais sutil, mas radical: ser livre para pensar. Não foi coincidência que eu tenha me sentido tão bem dentro da Fora, porque estar ali ouvindo o Peter, com quem trabalhei naquela São Paulo há tanto tempo, me fez lembrar de mim mesma. E já saí dali querendo voltar, e logo veio a ideia de fazer na casa aberta e iluminada os encontros das Clarices, grupo que estava em gestação. E então veio a pandemia, e o tempo virou...

Foi assim ontem: subi um morro alto, alto, pra de lá ver as montanhas todas. Mas o tempo foi fechando, fechando, e chegando lá em cima era pura neblina, e depois chuva. E assim descii o morro abaixo de chuva, sem ver as montanhas. Porque a natureza nos lembra que de nada adianta forçar a barra: é ela quem manda. A gente vem com a vontade, e o mundo só vem. Então cheguei de volta no chalé Serena, abaixo de chuva, e li bastante. Porque o tempo vira, mas isso não deve nos impedir de gestar nem de imaginar. Nem de rir e de se sentir bem com a gente.

E hoje amanheceu um dia lindo! O galo me acordou de novo, frenético. Eu abri a janela do quarto e vi os cânions como nunca tinha visto - não vi tudo, mas vi mais. Não é bonito pensar que eles se mostrem assim, aos poucos? Porque é até mais bonito quando se conquista a visão de algo tão imenso e grandioso aos poucos. Lembrei de Clarice, que às vezes escrevia como quem via o mundo pela primeira vez. É muito poderosa essa experiência de ver pela primeira vez!

Ver os cânions daqui da Praia Grande é muito diferente do que ver de Cambará. Acredito muito que podemos usar essa metáfora da perspectiva para como vemos a nós mesmas, e também às outras pessoas. Te acompanhar, e te ter por companhia, tem sido assim. Ver os cânions daqui, conforme o tempo decide mostrá-los, me faz pensar que esse é um bom jeito de conhecer, e mesmo de estar no mundo: de mãos dadas com o tempo.

Querida, o tempo firmou, vou aproveitar e passear um pouco, conhecer uma cachoeira que tem aqui perto. Tu gosta de cachoeira? Eu adoro, mas sofro um pouco com as pedras - sempre tenho muito medo de cair. Antes eu morria de vergonha disso, queria parecer firme e aventureira, sabe? Mas não sou, fazer o quê? Eu vou até onde eu consigo. E até que tenho conseguido muito! Principalmente quando tem alguém que me estende a mão dizendo: "Vem no teu tempo, que eu te ajudo." Mesmo sem saber até onde eu vou conseguir ir, porque a gente vai até onde pode, né?

Ontem molhei os pés no rio e me senti toda feliz.

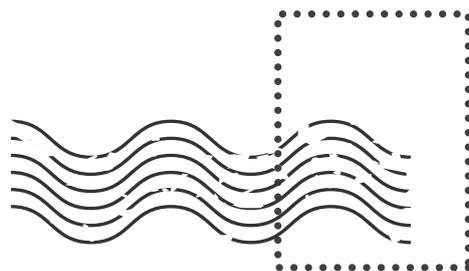
Se eu chegar na cachoeira, te mando uma foto.

Beijo grande - e obrigada, sempre, pela companhia!

Marieta



Imagem: Marieta Madeira





1964, Porto Alegre-São Paulo-Rio de Janeiro-Roma-Los Angeles-Cidade do
Porto-Porto Alegre, 2021

Nossa, vulva Vêlvete!

Nunca pensei em toda a minha vida que um dia fosse te escrever uma carta, e já digo logo, tu mereces muitas. Com todas as milhares de desculpas por todas as camadas de desqualificações internalizadas. Ontem, isso ficou muito bem desenhado. Saiu de ti uma barata imensa. Depois que a Clarice fez uma de suas personagens comer uma barata na Paixão de GH, ter saído de ti uma, num desenho que eu fiz com pastel oleoso, não é nenhum demérito.

Uma barata é o horror da sociedade em relação a ti. As vulvas são cobiçadas, policiadas, rejeitadas, temidas, invadidas, desrespeitadas, desejadas, apreciadas. Tudo isso numa mistura caótica de narrativas e gestos em todas as culturas.

Tenho cuidado bastante de ti nos últimos tempos. Aliás, nunca te submeti àquela tortura da depilação íntima total, disso tu não podes reclamar. O que acho que houve foi talvez um longo período de uma relação um tanto superficial contigo, eu diria. Nunca fui indiferente a ti, mas faltava intimidade, faltava te ver sem espanto, faltava retomar o que é teu de direito: tua existência plena. Tu és um triângulo bem bonito. Levou tempo e foi difícil deixar a visão ficar cristalina para vislumbrar a fenda potente que és. Quando falavam em orquídea para se referirem a ti achava que fazia sentido, mas não era uma verdade sentida por mim. Te olhava no espelhinho e te rejeitava. Demorô, mas consegui criar um campo de diálogo franco e *relax* contigo, mulher!!

Quero continuar reconstruindo contigo esta amizade, mais funda do que teu canal é. Juro. Meu amor é infinito e sem fundo como os dos oceanos onde nunca se chegou. Entendeu bem o nível da coisa?

Venho de um longo processo de desintoxicação do lixo social patriarcal machista absorvido quando ainda era uma menina e reiterado ao longo desta vida andarilha. Sempre falaram tão mal de ti que passei a te achar feia, desde nem sei quando.

Sabes que eu passei a andar de mãos dadas, reverti o processo todo? Sabes bem, não ando só. Feminismos, monólogos da vagina, pompoarismo, psicoterapias, vídeos, leituras, meus próprios escritos, escritos de outras mulheres. Sem falar naquela observação de ti naquele grande espelho no *workshop* do Festival Feminista na Cidade do Porto em Portugal. Nossa senhora, que experiência foi

aquela mulher?! Olhar a própria vulva já é um exercício e tanto, até porque ela não é evidente, precisa curvar a coluna numa espécie de reverência do corpo. Queres ver um portal? Então, se esforce! Mas observar em parceria, a vulva de outra mulher simultaneamente e conversando como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ahhhh aquilo foi demais de maravilhoso, virou ensaio e foi publicado, lembra? Tá vendo os efeitos disso tudo? tão aqui se esboçando nesta carta também, sua maravilhosa!

A minha relação é íntima, muito íntima contigo e continuará sendo. É mais hoje do que foi no passado. Isto não impede que eu coletivize esta nossa conversa. É para o bem de outras tantas vulvas, tá bom? Não vai ser a primeira vez, cê já tá mais acostumada com essa exposição toda.

Depois que a barata bateu asas não é que o mar surgiu? O outro desenho já lembra pranchas de surf! Uma belezura toda coloridex. Sinto que de agora em diante sou uma figura ainda mais entusiasta do viver. Tô inteira, meu bem. Somos nós duas numa só. AHHAHA Telma & Louise na versão latino americana. Uma obra de arte no meio das pernas morando comigo este tempo todo, veja só! Te espelho para que te vejas.

Ahh mais uma inspiração surgiu! Vou formar um grupo para outras vulvas que quiserem se pensar. Sei que elas têm muito a dizer pelo que ando sacando. Já tenho até um nome pairando na minha cabeça: Papo de vulvaS. Que que cê acha, será mais um escândalo revolucionário? Tomara!

Vulva Vélvete, tá na hora da gente dormir. Que pedalada hoje, hein? Aquela ventania na volta da Zona Sul, quase nos derrubou! Nunca vou conseguir te dar um beijo ahaha uma boa noite é suficiente. Melhor esqueceres aquele beijo pré-pandemia. Nada de ficar acesa agora,

sempre tua,

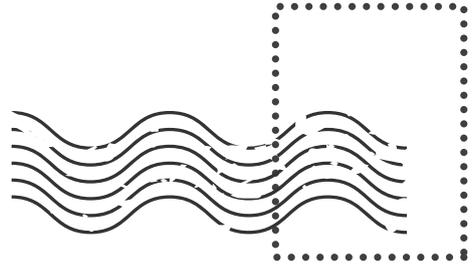
Marília

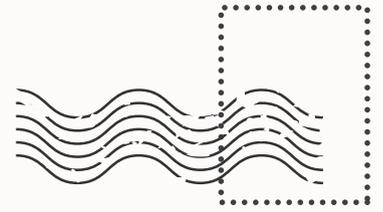
P.S. Vélvete!

Criei este nome para ti, inspirada no verbete *velvet* do inglês, veludo. Tratei logo de aportuná-lo. Você é aveludada, peluda e suave como o tecido. Ah eu também lembrei de *Blue Velvet* aquele filme de suspense com toques surrealistas e eróticos do David Lynch. Tem toda uma atmosfera de mistério e espanto tais quais os que te rondam. Sempre que puderes ouça a canção *Blue Velvet* para experimentares a bela melancolia da passagem do tempo.



Imagem: Marília Saldanha





Outubro de 2021.

Faz um tempo que quero conversar contigo, me faltava impulso. O tempo tem andado esquisito, né, os dias atropelados, mas o que deixamos por falar continua ali atravancando o caminho, insistindo atenção. Tenho remoído aquela cena e tudo o que queria ter perguntado. Não podia mais enrolar a escrita.

Eu sei, tu tem vivido um caos desde que aquela cena se rompeu, talvez tu já tivesse em turbulência antes, mas tu preferiu não dividir tuas angústias-medos-dúvidas. A vida é mesmo uma doideira, né. Do caos, de tantas dúvidas, choros abafados, histórias sem começo ou explicação, se rompe uma felicidade sem palavras, no corpo de uma criaturinha de cabeça mole, que nem falava, nem andava, mas já chegou nos nossos sonhos sorrindo.

Tu não precisa elaborar tudo isso sozinha. Sei que sou pequena e que tenho um colo que parece que quase nem dá pro meu afago, que dirá para o teu. Ou talvez eu nem consiga entender tuas questões de mulher que vai se inscrevendo no mundo – ao teu modo – de guria-mãe, que tem uma criaturinha que se agarra às pernas quando desprotegida e às tetas quando esfomeada. Sei que às vezes falo de mais, julgo de mais, acho de mais. Mas quero tentar me fazer colo pra ti, abrir bem os ouvidos e o peito, dividir dúvidas e consolos contigo. Se preferir só esbravejar ou chorar, tudo bem. Sentir raiva-medo-alegria, tudo junto mesmo, a vida é uma doideira, né.

A história de vocês tá atada, isso é certo, já nem é mais uma escolha (de nenhum dos dois). Por um lado, isso é tão bonito, olha só aquela criaturinha que se deu nesse nó. Mas lembra, o que tu quer fazer a partir daí é tua escolha. Ele não precisa te bastar, um meio-cara, um meio-pai, um meio-namorado. Não sei. Posso tá falando bobagem, mas tá na cara. Não te contenta só com bondade, não. Tu merece mais do que alguém que apenas é bom pra ti.

Lembra, se quiser, pode se acolher no meu colo, mesmo que pequeno, te digo, tem espaço pro teu embalo, choro, desabafo, mesmo pro teu silêncio, se quiser.

É, ele não age muito diferente de tantos outros que vão embora ou vem de vez em quando, quando querem, quando tão afim ou quando é a sua vez, deixam pra avó cuidar, enquanto vão tomar a sua cevinha ou fazer qualquer outra coisa

mais interessante do que passar um tempo com a sua cria. É, ele não age muito diferente de tantos outros que vão embora enquanto as mães e mulheres (sempre) ficam.

Mas não te basta com meios, tu estás inteira no mundo, como guria-mulher, guria-mãe, guria-artesã, guria-estudante e o que mais tu quiser.

Lembra, tu estás inteira e merece muito além de bondade, merece alguém que está inteiro, junto a ti, no mundo.

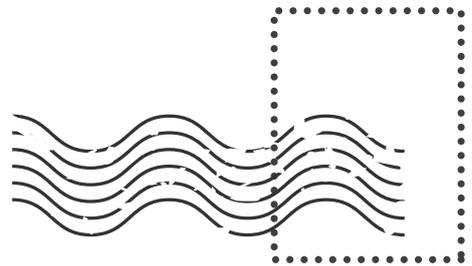
Lembra, qualquer contentamento ou alegria, inquietação, tristeza ou palavra travada na garganta, tenho um colo que cabe nós duas e ouvidos e peito que querem se fazer escuta e acolhida.

Lembra, eu te amo e tenho admirado a mulher-guria, mulher-mãe, mulher-mulher que tu tem te tornado.

Da tua irmã,
que quer se tornar colo, escuta e peito aberto.



Imagem: Isabela Mota





Porto Alegre, 03 de outubro de 2021.

Querida Milene!

Amor! Estamos grávidos. É o que me ocorre escrever, sim aquele bilhete de 34 anos atrás, três palavras potentes. As atuais circunstâncias me levam a dizer que a vida é eterna gestação, sinto-me grávida aos 62 anos.

Quem diria que agora a vida me transporta para você, querido bilhete do tempo da gestação. Tempo em que eu ia conhecendo, sentindo, falando, descobrindo, inquietando com o por vir, fundindo a cuca de tanto pensar, de tanto querer e inevitavelmente procurando saber como agir.

Eis que novamente, estou naquela condição, só que agora *tenho que parir a mim mesma*. Lembro o dia que soube do conceito *de mãe suficientemente boa*. Eu queria ser o máximo, quiçá uma deusa para os meus rebentos. Iludida, pretensiosa... Bem, a vida tratou de desnudar-se sem anestesia. E agora, o que fazer?

Não, estou me queixando, pelo contrário, constato que as lentes, as janelas da alma têm sonhos, expectativas, ousadias e finitudes... Na realidade estou me escavando, como num turbilhão de areia, eu me vejo no passado, olho para ele, tem leveza, mas também tem peso... Ah, *peso eu quero te dispensar, desapegar...* Outro dia me senti como se fosse um bambu, ao menos tem flexibilidade, neste ponto bato palmas, a vida vem me lapidando.

Ah, encontrei algo valioso, imprescindível, o fundamento de tudo o AMOR.

Quantas vezes fênix... ressurgi acelerada... Neste momento mais devagar, pareço sem forças. Será que se esgotaram as vidas? As cinzas tomaram conta de tudo? Ou é o *tempo* mesmo? O tempo da gestação, que faz amadurecer - um dia virá a luz?

Todo parto tem dor... não se traduz em palavras, mas tem muito mais AMOR. Ainda há AMOR, há raiz. Penso que é desta seiva que tenho que beber... Há muitas formas de AMAR... é preciso experienciar, talvez esta carta seja um respirar... Eu sei que falo pelos cotovelos, de forma franca. Necessidade minha, mas é a do outro? Intenções não salvam vidas, atitudes sim.

Aquela poesia que escrevi faz tempo, para o artífice da vida que se fez em mim, meu tronco, minha sombra, minha luz. Enfim, sobre eu e ele.

*Como é belo o mar
Como é bela a maresia
Como é bela a vida
Nem de todo polida
Mas esculpida pelo
Teu e pelo meu olhar*

A maré está alta, cheia de emoções nunca vividas, novidades, inquietudes, vontade de ajudar, dar a luz... bah! mas já dei a luz! E agora, tenho que dar tempo ao tempo? Fácil falar, difícil parar de pensar... quem é teu dono, senhor Tempo?

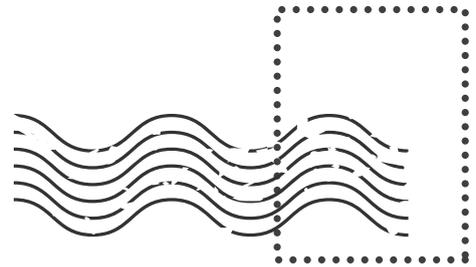
Como não sei... é preciso boiar entre dias e noites, calor e frio, ventos, tempestades. Outro dia escrevi que a tempestade é efêmera, **preciso estar certa!**

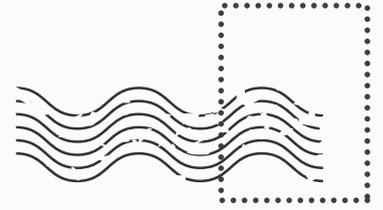
Forte abraço e coragem!

Milene de Oliveira Bordignon



Imagem: Andressa Pacheco Lawisch





ÀBoMalè, 08 de outubro de 2021.

ÀGO LÓNA, Orisun

Escrevo pra ti e para todas que me antecederam nesta imensa árvore. Desconheço as feições dos rostos e a compleição física. Não pertencemos à casta que possui em seus guardados fotografias ou registros remotos, nem mesmo o *oriki*. Não podemos nos furtar de abrir álbuns e fazer o reconhecimento dos nossos bisavós, tataravós e seus antepassados. A cor da nossa pele, a textura do nosso cabelo, o volume das nossas ancas, a fatura dos nossos lábios é a crônica viva do nosso pertencimento a uma África preservada na nossa genética. No museu de poucas memórias, vamos reconstituindo nossa história. Reunindo fragmentos. Eu precisava te escrever, não para te enviar notícias. Tu e todas as mulheres que me habitam continuam sua viagem no ajê da nossa família. Quem já viveu nunca morre. Eu necessitava escrever, como uma forma de resgatar nossas vivências, pois sinto uma saudade profunda de tudo o que dorme na minha essência. Acredito que muitos irmãos e irmãs pretos também.

Algumas vezes, consigo acessar resquícios, fragmentos de existência que se desmancham em milésimos de segundos. Mas há uma eternidade dentro deles.

O fogo é a bússola que mais nos aproxima. Ele reacende a conexão. Foi assim, em Picada Café, naquela imersão com o índio Kaká-Werá, lembra? Eu sei que vocês estavam interagindo e confirmando as minhas intuições. Quando eu voltei pra casa, eu sabia que retornava para o convívio junto ao meu companheiro e minha filha. Porém, um convívio mais mais longínquo do que esta encarnação. É em volta do fogo que nos reencontramos. O movimento das labaredas me transporta. Fecho meus olhos. Meu ventre as reconhece e ficamos dentro dele – no útero da terra - conversando silenciosamente, num ritual de benzimento e cura. Me sinto inteira e agradecida, acolhida em minha aldeia ancestral. Eu cogitei escrever esta carta para outros destinatários, pra mim, inclusive, mas eu tenho urgência em endereçar a ti e para as mulheres que me antecederam: minhas guardiãs. São muitas e uma só. Por isso, estou escrevendo, para manifestar que eu aprendi a decifrar o sabor amargo de alguns incidentes durante esta jornada. Desde que me foi sequestrada a possibilidade dos silêncios, por esse inquilino invisível, que fez refém em meus dias, meu sono, meu trabalho e minha família, meu equilíbrio foi nocauteado por esse ruído que

fica martelando, zunindo. Noturna e diuturnamente. Ininterrupta e persistentemente. Ouço tinidos, tambores, a instabilidade do tempo pulsando na minha cabeça. Ensurdeço. Eu amava tanto o aconchego das noites. Gostava de dialogar com meus silêncios e escrever. Passei a odiá-las, pois o ruído é mais invasivo, nítido e opressor.

Transmutei o imorù em combustível para con(viver) com esse desagradável inquilino. Abstraí o impulso para aceitar e busquei ferramentas para não desmoronar; minimizar desconfortos, as alterações de humor, a fadiga física e emocional, o medo da demência, de agredir gratuitamente alguém. A abadenì é íngreme, mas persegui novos sustentáculos para me apoiar e não me afundar na auto-piedade e nem no abatimento. Assim, fui desbravando a mim mesma, enfrentando as intempéries e os acidentes da minha geografia interna.

Continuo fazendo o caminho de volta. Quando eu desespero, me permito desaguar compulsivamente pelos cantos. Fecho os olhos. *Yétúndé!* As outras mães e as *iabás*.

Nos reencontramos ao redor do fogo. O movimento das labaredas me transporta ao inú da terra, e elas me circundando com orin, ervas e rezos; me socorrem, banindo o extremo cansaço.

Nessa egrégora, meu sono dorme.

Na proteção do meu ori.

No momento, era isso o queardia para te escrever. Em outro momento, receberás outra carta, pois tenho pressa em libertar os parágrafos engavetados. Vou encontrando vocês nos trechos deste extenso caminho, onde a história foi interrompida. Há saudade até do que eu não tive, por isso, eu volto,

Em breve!

Rosa

Palavras na língua iorubá:

ABADENÍ: estrada

ABOMALÈ: aquele que cultua os ancestrais (egúngún)

ÀGO LÓNA: com licença

AJÉ: sangue

IABÁS: divindades femininas

IMORÚ: raiva

INÚ: útero, ventre

ORIKI: nome de família

ORIN: cantiga

ORISUN: raiz

YÉTÚNDÉ ou ÌYÁBO: "A mãe chegou"

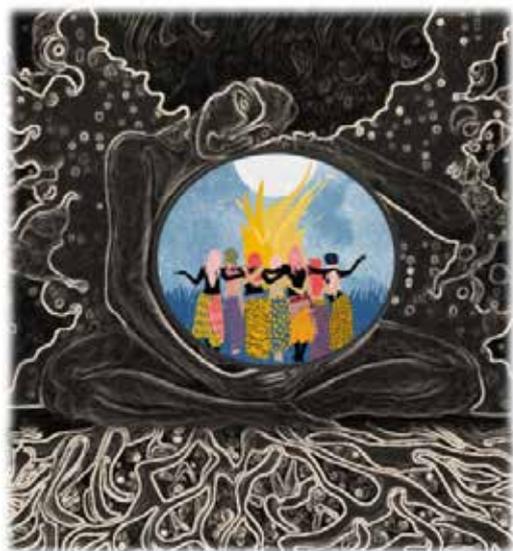
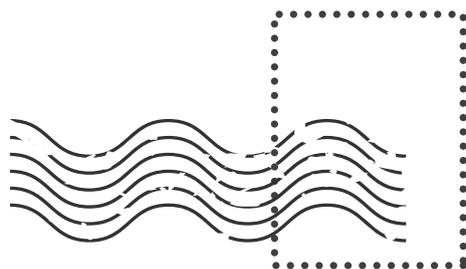


Imagem: Rosa Pereira





Mãezinha
escrevo esta carta
para alguém que não conheço
a mulher que você foi
muito antes de eu sequer sonhar
com a ideia de existir

para a moça dos cachos ao vento
ornados com uma flor de hibisco
do sorriso largo e livre
que fugia pela janela de casa
e corria o mundo
sem qualquer medo de ser

para a jovem destemida
de muitos e muitos planos
que queria viver a vida
viajar para longe
voar bem alto
valer-se de si
e nunca mais deixar de dançar

escrevo desse futuro em que nasci
e um dia te vi querer morrer
escrevo depois de te observar
murchar aos poucos
e desaprender tudo aquilo
que sempre soube fazer de melhor

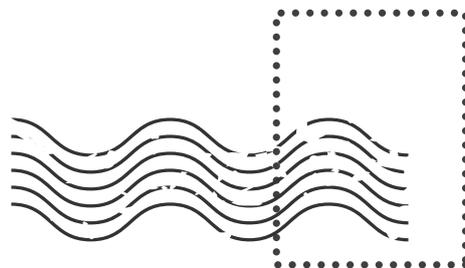
escrevo depois de entender que a sua estrada
se tornou muito difícil para você
então passou a se esconder no escuro
a morar nos silêncios
perdeu a vontade de dividir o mundo
com a gente
escolheu se fechar num castelo

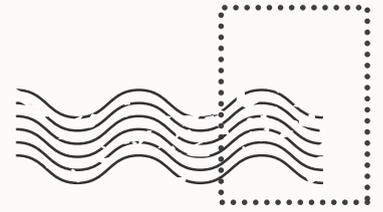
construído dentro de si
onde ninguém mais consegue te encontrar

escrevo agora para te contar
que todos os dias peço
para que você decida
abrir as portas
os olhos os braços o velho sorriso
e finalmente tornar a sair



Imagem: domínio público





Silvana, 2019, na saída do inverno, ainda encolhida entre livros teóricos e filosóficos.

Amada minha, Silvana de 2021,

Nem sei por onde começar. Palavras me faltam.

Vejo tuas fotos no instagram. Como cada dia estás mais bonita, mais confiante. Cada dia um batom, cada dia um novo sorriso. Até uma pose cheirando uma rosa você tem agora. Em breve, eu sei, terás instagram profissional.

Daqui de 2019, só vejo fotos de pães, abraços apertados e bregas no gato e no marido, belas flores vermelhas e amarelas e algumas poucas fotos na praia (com bastante roupa e pouco biquíni aparecendo).

Não que você, Silvana versão 2021, não possa desfilas de biquíni, nada disso. E que teu olhar, tua felicidade de estar mudando de profissão já 'revelam' a mais bela nudez: ser você mesma, doce, suave, bela e redondamente certa de estar fazendo um novo caminho.

E, claro, os stories andam cheios de poesias sobre amor e sentimentos.

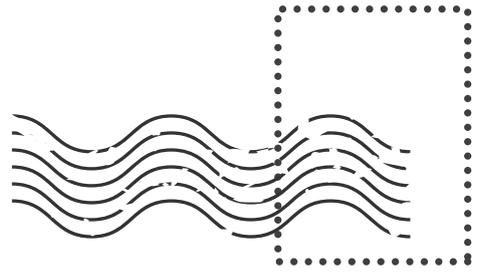
Sei que você passou por uns perrengues. Por isso mesmo, 2022 vai te encontrar mais forte e decidida do que tu quer e com quem tu quer. Soube que estás tendo bastante apoio de duas outras pessoas especiais. Prefiro não comentar muito, pois morrooo de ciúmes. Mas tu merece!!

Te amo e me orgulho de ti a cada dia mais.

Beijos,



Imagem: Silvana Silva



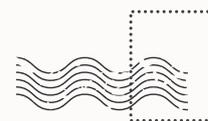
ORGANIZADORAS

Camila Alexandrini | camilalexandrini@gmail.com



36 anos. Professora e doutora em Letras (PUCRS/2017). É autora de “mesmo sendo só um pedaço de vida profunda” (2017), livro de contos publicado via financiamento coletivo, “Orgasmo Desconhecido” (2019), plaquete de tiragem limitada e posteriormente e-book, e co-autora de “Raízes inventadas” (2018), livreto de ensaios, publicado de forma independente via Coletivo Lápicés, coletivo de intervenções urbanas do qual fez parte de 2013 a 2017. “Do lado|de fora” (no prelo) é seu último livro, no qual se dedica à poesia e à prosa poética. É uma das idealizadoras do projeto cultural e educacional Fora da Asa - Experiências Plurais (2017-) e ainda integrante do grupo que trabalha pela manutenção do projeto e do espaço (-2020). Em 2021, decidiu escrever semanalmente no Medium - colocando-se frente a temas cotidianos e polêmicos. Ministra aulas e cursos de escrita e leitura na Fora da Asa e em outros contextos educacionais formais e não formais. Como professora e revisora atua há 15 anos e, recentemente, assessorou a produção de textos literários como os das obras “Sujeita”, livro de poesias de Brenda Vidal, e “Atlas”, obra de ficção científica não publicada de Hitallo Dalsoto, bem como, em 2020, foi produtora do projeto TodAs EscreVemos, convocatória, seguida de panorama, de escritas de mulheres de Porto Alegre. O propósito segue e está em vias de se tornar uma iniciativa de mulheres que não só escrevem, mas também editam.

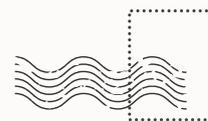
Bruna Morelo | brunamorelo@gmail.com



Professora de língua portuguesa e inglesa, Mestra em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e doutoranda na mesma área na Universidade de Macau. Realiza pesquisa e trabalha com contação de histórias da tradição oral no ensino de português e na formação de professores. Atualmente, é apoiadora e realizadora da Fora da Asa – Experiências Plurais, coletivo de mulheres que promove ações e projetos culturais e educacionais. Colabora como revisora e avaliadora de periódicos científicos e, recentemente, tem participado da elaboração de oficinas de escrita para mulheres e de projetos para publicação independente.

DIAGRAMAÇÃO/DESIGN

Lis Bortoli Henz | @lishenz



Nasceu em Porto Alegre, 1995. Interessada por fotografia, desenho e arquitetura desde criança. Busca por uma mistura desses temas no Design Gráfico/de Produtos. Formada em Design de Produtos pela Unisinos em 2017, trabalha na área há 4 anos. No seu portfólio (www.behance.net/lishenz): criação de outdoors, anúncios para jornais e revistas, identidade visual, diagramação digital, posts para redes sociais, além de alguns projetos de Design de Produtos premiados em parceria com Tramontina e Junges.

tODAS
escrevemos

FORA DA ASA

Fora da Asa
Experiências Plurais
foradaasapoa@gmail.com
www.foradaasa.com.br

